SEXTOU: RELATO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DE MÚSICA, CONVIVÊNCIA E SURPRESAS...[[1]](#footnote-1)

Andréa Marcolan[[2]](#footnote-2)

*Sexta-feira, território de alegria*

*Sexta-feira, alegria....[[3]](#footnote-3)*

Depois de uma semana intensa de atendimentos, grupos, oficinas, trabalho no território, corre-corre do dia-a-dia, o que fazer num Caps às sextas feiras a tarde? Uma estagiária ao participar pela primeira vez, diz: “está sendo terapêutico para mim, eu precisava de um Sextou hoje”.

Inicialmente a proposta para essa oficina era de ofertar um espaço de lazer, com jogos, cinema, leitura de poesias, contos e, também música. Já vinha atenta e reconhecendo alguns pacientes que se interessavam por manifestações artísticas que envolviam música e poesia, principalmente um que já havia trabalhado profissionalmente como músico mas que a bebida e a depressão haviam prejudicado muito sua carreira. Nosso querido Paulinho carrega com orgulho uma pastinha com suas composições e conta de suas apresentações em bares, restaurantes e em rodeios na região e para além da fronteira RJ-MG.

Até que a primeira surpresa: numa sexta feira de janeiro de 2024, final do dia ao me despedir escuto um batuque vindo da mesa da varanda: era o Seu Alan, nosso vigia e mais dois pacientes cantarolando um sambinha. Digo: “isso daí dava um bloco de carnaval hein...sabia que existe Caps que tem bloco? Umas duas horas depois recebo um áudio e uma proposta: “vamos fazer um bloco?” Era um samba de autoria do Seu Alan, Paulinho e José Carlos com o refrão:

*“Alô, alô meu povão*

*Alô, alô meu povão*

*O Caps III não é só medicação”*

A oficina Crie e socialize se junta à ideia e fazemos uma decoração com as caixinhas de medicações que eram descartadas pela farmácia. Realizamos meio a toque de caixa a primeira apresentação do bloco Unidos do Caps III no carnaval deste ano. Foi um carnaval ainda bem modesto, mas animado. Uma mistura de bloco de rua carioca e trio elétrico baiano, porque o axé fez questão de aparecer na festa. Aproveitei o embalo para falar da minha proposta do Sextou e a partir da semana seguinte foram se juntando mais pacientes, alguns instrumentos sendo doados e uma avidez por cantar, dançar e se divertir. Aqui cabe um parênteses sobre o lugar do qual estou falando. Trata-se de um Caps III de um município da baixada fluminense – Magé, território de muita vulnerabilidade e precariedade social. Não havia naquele momento nenhuma oficina em que a música e a dança fosse a proposta principal. Com o entusiasmo e adesão dos pacientes, nem tive espaço para propor qualquer outra coisa que não fosse música, parodiando Mc Leozinho:

*“Sextou só pensa em cantar*

*Cantar, cantar, cantar*

*E vem pro Caps dançar*

*Dançar, dançar, dançar”*

Depois do carnaval, surge a proposta de um sarau em homenagem às mulheres no mês de março. Escolhemos músicas, ensaiamos e apresentamos junto com poesias escritas na oficina da Palavra e outras de poetas conhecidas, como Adélia Prado. Cantamos Sexo Frágil de Erasmo Carlos e fizemos um bonito coral ao som de Maria, Maria de Milton Nascimento.

De março para maio foi um pulo e chegamos no mês da Luta Antimanicomial, com um evento da RAPS na Praça central da cidade. Apresentamos três músicas dessa vez, mas duas tornaram-se marcantes na trajetória dessa oficina: Sufoco da Vida da banda Harmonia Enlouquece e Canta, canta minha gente de Martinho da Vila. Aqui cabe algumas palavras sobre elas. Harmonia Enlouquece é uma banda muito especial, formada por pacientes e profissionais do CPRJ. Os conheci quando trabalhei na enfermaria daquela instituição e sempre fui encantada pela sua potência e criatividade, que dá testemunho do quanto a arte é um recurso fundamental na atenção psicossocial. Apresentei ao Sextou um vídeo que encontrei na internet da música Sufoco da vida e esses versos ecoam até hoje pelo Caps:

“*Estou vivendo no mundo do hospital*

*Tomando remédios de psiquiatria mental*

*Haldol, diazepam, rohypnol, prometazina*

*Meu médico não sabe como me fazer um cara*

*normal”*

Já o Canta, canta minha gente também surgiu de algumas surpresas. Na oficina da Palavra, que é uma oficina de escrita que acontece no mesmo dia do Sextou, Mauricio um paciente tipicamente capsiano, com histórico de várias internações no que era o hospício da cidade e com projeto terapêutico intensivo, cantarola esse refrão do Martinho. Na hora penso que é uma música que teria tudo a ver com o Sextou. Seu Alan, que se tornou meu parceiro na condução desse trabalho, escreve alguns versos e fazemos a nossa versão que ficou assim:

*“Canta, canta minha gente*

*Deixa a tristeza pra lá*

*Vem pro Caps cantar alto*

*Que a vida vai melhorar”*

Esses versos se tornaram tão especiais para nós que hoje abre os nossos encontros do Sextou.

Chegamos nos meses das festas juninas, cantamos e dançamos muito forró: músicas do Falamansa, Dominguinhos e do rei do baião Luiz Gonzaga fizeram nossas tardes de sextas ficar num clima bem nordestino. Mas, eis que surge mais uma surpresa: Denise, uma das nossas pacientes mais criativas, que diz ouvir as músicas na cabeça dela de outro jeito, com letras diferentes, começa a cantarolar uma versão para Maria Chiquinha de Sandy e Junior: “Quê que ocê foi fazer no Caps Maria Chiquinha, quê que ocê foi fazer no Caaaps?”. Me juntei a ela e fizemos uma paródia incluindo alguns técnicos do Caps e falando da própria festa julina. Ficou muito divertido e nossa Maria Chiquinha foi a própria Denise. Já o Genaro, outra surpresa: Luís Carlos se prontificou e empenhou bastante para cantar essa parte. A surpresa está no fato de Luis Carlos ser um paciente que ouve vozes o tempo todo, o que o deixa muito introspectivo e retraído, está sempre na convivência de forma discreta e silenciosa. Acho que a primeira vez que vi um sorriso dele foi num dia em que começou a batucar um pandeiro.

Setembro! Convencionou-se ser amarelo, mês dedicado à chamada conscientização e prevenção do suicídio. No dia a dia dos serviços sabemos que o amarelo é nossa cor o ano inteiro, nas rotinas dos atendimentos, nas crises, emergências... É nosso fazer diário, acolher aqueles para quem o sofrimento psíquico intensificou-se de tal forma que acabar com ele e com a própria vida torna-se o mesmo. Surge a ideia de fazermos um pic nic festivo com o Sextou e alguns pacientes de grupos terapêuticos. Saímos da unidade num micro ônibus e mais parecia aqueles passeios escolares em que íamos cantando aquelas musiquinhas clássicas: *“motorista se eu fosse como tu, tirava o pé do freio e corria pra chuchu...”.*  Fomos à uma atração turística da região conhecida por muitos, porém para outros ainda desconhecida, mesmo sendo moradores daquele território: Guia de Pacobaíba, também chamada de Praia de Mauá e lugar onde fica a primeira Estação Ferroviária do Brasil. Ao som da playlist que fizermos juntos no Sextou com canções como: O que é o que é do Gonzaguinha, Dias melhores do Jota Quest, Dias de luta, dias de Glória – Charlie Brown, Andar com fé – Gilberto Gil e aquele funk : *“eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci”* de Cidinho, Doca e DJ Malboro, cantamos e dançamos :

“*A beleza de ser um eterno aprendiz*

*Eu sei que a vida devia ser bem melhor e será*

*Mas isso não impede que eu repita*

*É bonita, é bonita e é bonita”*

Faltava uma roda de samba e ela chegou no iniciozinho de novembro. Mais uma versão a la Sextou sugerida por José Guilherme do famoso samba de Zeca Pagodinho, ficou assim:

*“Deixa o caps me levar, caps leva eu*

*Deixa o caps me levar, caps leva eu*

*Deixa o caps me levar, caps leva eu*

*Sou feliz e agradeço o remédio que o Sextou me deu!*

A surpresa dessa vez ficou reservada no alcance do Sextou para fora dos muros do Caps. Durante a roda, entre sambas desafinados, ritmos descompassados e altos decibéis, uma voz se dirige a mim e pede para falar. Se apresenta como vizinha e mostra onde mora. Penso: Xiiii, nossa primeira reclamação de barulho dos vizinhos! Mas para surpresa de todos, ela nos diz: *“Vocês estão de parabéns, moro aqui há muitos anos, vejo tudo que acontece aqui e fico feliz por essa alegria toda”.*

Hoje o Sextou ocupa toda sexta-feira do Caps. Começa com um **Esquenta** com Paulinho, José Carlos, Luís Cláudio preparando logo cedo toda a aparelhagem que foi aos poucos chegando e quando me dei conta, já tinha teclado, caixas de som e microfone. A música já começa a ecoar pelo serviço logo de manhã. Na **oficina *strictu senso*** procuro situar um fio condutor para a participação de cada um, no que lhe é mais singular. Faço isso ficando atenta a como eles se colocam diante daquele espaço, como se apresentam a partir das músicas e das danças, que vão surgindo. Quando é preciso, pergunto quais músicas e estilos musicais gostam, principalmente para aqueles que chegam bem silenciosos e mais retraídos. Quando termina a oficina, começamos a perceber que alguns ainda ficam por ali, cantando um pouco mais baixo e de forma mais livre. Pensamos que é importante reconhecer e acolher esse movimento dos “inimigos do fim” e nomeamos esse momento de o **After** do Sextou!

Uma pergunta que não quer calar: O Sextou é um happy hour do Caps? Para responder lanço mão da minha orientação pela psicanálise e da aplicação desta, em espaços fora dos standards clássicos dos atendimentos individuais. Trata-se de ampliar o olhar e se lançar ao coletivo a partir da presença do analista na cidade e na contemporaneidade. Ouso dizer que o Sextou tem um semblante de happy hour, apesar de aparentar ser apenas um entretenimento e festa, é uma oficina com orientação clínica e efeitos terapêuticos. Uma multiplicidade de músicas, ritmos e gostos, aberto ao inesperado. São muitos os pedidos e sugestões de que eu torne o Sextou, um espaço totalmente aberto no Caps, assim como são as festas do calendário anual: junina, carnaval, natal... Sigo me posicionando de que é uma oficina terapêutica e por isso, tem que estar indicada no projeto terapêutico singular do paciente.

É importante reconhecer um investimento importante por parte dos próprios pacientes, técnicos da equipe e familiares que ao longo desse tempo foram colocando algo de si nessa parafernália musical. Paulinho por exemplo, fica horas ajustando seu teclado e amplificadores de som que traz para o Caps quando não tem nenhuma apresentação para fazer como trabalho. Isso mesmo, outra boa surpresa foi ouvir que ele vinha recebendo convites para voltar a se apresentar. Luís Cláudio conta que comprou um violão num brechó e o levou para consertar. José Carlos decide comprar um Tan Tan porque gosta do som desse instrumento. Eles descobrem também um espaço numa escola do bairro que oferece aulas de música e alguns começam a frequentar. Alguns técnicos do Caps também vão se envolvendo de várias formas, como Carol que doa vários instrumentos que já usou em outros trabalhos que já fez no seu percurso na Saúde Mental. Tem os que sempre se apresentam para dar uma palinha e cantar, como nossa querida Chay auxiliar de serviços gerais, uma das cantoras mais engajadas, principalmente quando se trata de um bom sambinha.

Para finalizar gostaria de destacar três outros momentos de surpresas que ficaram marcantes nesse relativamente curto porém intenso tempo de existência dessa oficina.

1) A invasão dos Zombies: Alguém pede para colocar Michael Jackson e escuto Thriller vindo lá do fundo. Quando a música começa Sidilenia uma paciente muito assídua do Sextou e que se diverte muito, começa a fazer os passos da dança e, aos poucos, o corpo de baile vai crescendo. Quinze dias depois as estagiárias retornam e ensaiam os passos conosco e fazemos uma versão própria do famoso videoclipe dessa música.

2) Um dueto inusitado: Nicolas já participa da oficina há um tempo, de maneira quieta, sem falar e interagir muito, até que pergunto por alguma música que goste. Ele não sabia dizer o nome da música nem quem a cantava, então pede para me mostrar pela internet. Fico um tanto apreensiva por não conhecer, mas aposto na abertura que poderia se dar. Começa a tocar um tal de Smack That, ninguém conhecia mas a batida eletrônica foi contagiando a todos e de repente a cena era: Nicolas cantando a letra da música e todos dançando, fazendo coreografias. De repente André que é um rapaz bem jovem que estuda música e toca muito bem, sobretudo violão, larga o instrumento e começa fazer passos de break.

3) Dançando com a Whitney e ao som do pandeiro do Claudomiro: Um pai começa a trazer para o Sextou sua filha e sobrinho, ambos pacientes do Caps. No início ele ficava ali por perto esperando, até que aos poucos foi se aproximando, cantando junto, traz o seu pandeiro e doa para a oficina, vem com a esposa um dia e dança um forró com ela. Claudomiro é um dos mais empolgados, chegaria a dizer até mais que a própria filha, que ainda segue muito retraída, mas já sei que gosta de rock, talvez tenhamos que fazer uma tarde mais rock’nrol. Não vou me esquecer também de todos nós dançando ao som de I Wanna Dance With Somebody de Whitney Houston que uma senhorinha muito animada que estava aguardando o filho que participava de um grupo terapêutico sugeriu para a nossa saideira. E por falar em saideira, vou ficando por aqui...

Observação: Todos as pessoas citadas nesse relato autorizaram a utilização de seus nomes.

1. Trabalho para apresentação no Seminário Memórias da Loucura 7 – Desafios do Laço Social: Violências e Vulnerabilidades. Novembro de 2024. [↑](#footnote-ref-1)
2. Psicóloga da rede de Atenção Psicossocial do município de Magé e do Hospital Nossa Senhora do Loreto do município do Rio de Janeiro. Psicanalista, participante do ICP-EBP RJ. [↑](#footnote-ref-2)
3. Trecho da Música Sexta-feira de Marcelo Falcão e Cynthia Luz [↑](#footnote-ref-3)